

**PERCEPÇÃO SOCIAL NA CRIANÇA:
DESENVOLVIMENTO DE UMA METODOLOGIA DE PESQUISA ***

**MARÍLIA GRACIANO
TERESA ROSERLEY N. DA SILVA
ELZA L. GUARIDO
GILDA MONTORO**

R E S U M O

Foi realizado um estudo-piloto para investigar a validade de constructo de vários instrumentos elaborados para medir a percepção que as crianças têm de seus modelos familiares (pais e irmãos) e auto-conceito, em dimensões tais como: poder social, desvelo, atividade e valoração.

O artigo apresenta os resultados desse estudo, analisando o tipo de informação que pode ser obtido com cada instrumento. Os resultados indicam tendências significativas na percepção das crianças, que devem ser exploradas em pesquisas futuras.

S U M M A R Y

Children's social perception: development of research methodology — A pilot study was conducted to investigate construct validity of various instruments designed to measure children's perception of their family models (parents and siblings) and self-concept, on dimensions like: social power, nurturance, activity and evaluation.

The article presents the results of the study, analysing the type of information that can be obtained with each instrument. Results indicate some significant tendencies on children's perception, which should be explored in future studies.

Neste artigo, apresentamos os resultados de um estudo exploratório visando analisar a validade de constructo de alguns instrumentos elaborados para medir percepção de modelos e auto-conceito em crianças. O objetivo principal do estudo, realizado com amostra pequena e pouco representativa, foi o de analisar dados obtidos com diferentes instrumentos quanto ao tipo de informação que poderiam fornecer e, além disso, levantar hipóteses para orientar futuras pesquisas. Os resultados apresentados não são, portanto, mais do que indicadores de certas tendências que poderão ou não ser confirmadas em estudos mais amplos.

O interesse pela investigação de percepção de modelos em crianças decorre da importância dessas percepções para os processos de identificação e imitação, através dos quais grande parte de comportamentos são adquiridos. Tais processos, considerados pelos autores das mais diversas correntes como cruciais no desenvolvimento e socialização das crianças, estão ainda longe de ser compreendidos pela psicologia, apesar de terem sido objeto de inúmeros estudos teóricos e empíricos (ver, por exemplo: Bandura, 1969; Bronfenbrenner, 1960; Gerwitz e Stingle, 1968; Maccoby, 1959; Miller e Dollard, 1941; Mowrer, 1960 e Sears, Raw e Alpert, 1965).

Vários aspectos dos processos de identificação e imitação permanecem carentes de investigação e, entre estes, destacamos o problema da relação entre

* As autoras agradecem a colaboração de Mary Jane Spink na análise dos resultados da pesquisa.

auto-imagem e percepção que a criança tem dos seus modelos. Para que se aceite a afirmação, defendida pela maioria dos autores, de que o processo de identificação começa a ocorrer aos três anos de idade, é preciso comprovar que nesta idade as crianças são capazes de perceber os diversos atributos (físicos, sociais, psicológicos) e comportamentos de seus modelos e já possuem os rudimentos de uma auto-imagem que vai complementar-se através do processo de identificação.

Parece amplamente demonstrado, nos estudos empíricos realizados sobre os processos de identificação e imitação, que certas características dos modelos, psicológicas (tais como desvelo) ou sociais (tais como poder), são cruciais para seu desencadeamento. Torna-se importante investigar, então, se as crianças são capazes de perceber tais características a partir dos 3 ou 4 anos, e como estas percepções se desenvolvem em função do amadurecimento cognitivo, emocional, e das influências sociais.

Os estudos sobre esse problema são bastante recentes e limitados, não sendo possível encontrar-se na revisão da literatura existente sobre o assunto, uma metodologia adequada para sua investigação. Isto, de um lado, dificulta a realização de pesquisas e, de outro, incentiva a exploração empírica da área, de indiscutível importância.

Assim sendo, tomamos o desenvolvimento de uma metodologia adequada para o estudo de percepção social em crianças como o ponto de partida de futuras pesquisas que dêem respostas a hipóteses definidas. Nosso objetivo, por ora, é o de elaborar alguns instrumentos que possam testar a percepção que as crianças têm de seus modelos e de si mesmas (auto-conceito), verificando o desenvolvimento dessas percepções em vários grupos etários.

Neste primeiro estudo, testamos crianças entre 3 e 9 anos de idade, de ambos os sexos. Os modelos escolhidos foram os elementos da família nuclear (pai, mãe e filhos), e a empregada doméstica (em apenas um dos instrumentos testados). Interessava sobretudo investigar como esses modelos são percebidos pela criança em quatro dimensões básicas, consideradas muito importantes para os processos de identificação e imitação: poder social (no sentido de "mandar, decidir"), desvelo (no sentido de "cuidar dos outros"), atividade (no sentido de "se mexer, não ficar parado") e valorização (no sentido de "ser querido"). Buscamos, assim, analisar essas quatro dimensões através de vários tipos de medidas. A elaboração dos instrumentos foi fundamentada pela pesquisa de Sears e colaboradores (1965) sobre o processo de identificação, na qual foram utilizados jogos de bonecos, livres e estruturados, que adaptamos para nosso estudo. No entanto, a forma de apresentação desses instrumentos, bem como os

tipos de medidas envolvidos (classificação e ordenação) são originais, não se encontrando na bibliografia especializada indicações de sua utilização para investigar percepção social em crianças.

I. MÉTODO

Dois estudos foram realizados. O primeiro, bastante limitado em termos de amostra, foi feito com apenas 19 crianças (10 meninas e 9 meninos), de 4 a 7 anos de idade. A partir dos resultados nele obtidos, os instrumentos foram reelaborados para o segundo estudo, cuja metodologia exporemos agora.

Ia. Amostra

As crianças que participaram da pesquisa pertenciam a um colégio típico de classe média da cidade de São Paulo, cuja anuidade, em 1975, variava entre Cr\$ 2.190,00 (curso pré-primário) e Cr\$ 6.140,00 (2.º grau). A escolha do colégio foi determinada pelo grande número de alunos que possuía e pela receptividade de seus diretores que permitiram a realização da pesquisa, fornecendo a infra-estrutura necessária. As crianças que participaram da pesquisa foram escolhidas aleatoriamente e o consentimento dos pais para testá-las foi obtido através de uma carta.

O total de 30 sujeitos (15 meninos e 15 meninas) dividia-se em 5 grupos etários: 4, 5, 6, 7 e 9 anos, sendo cada grupo composto de 3 meninos e 3 meninas. A variabilidade permitida para definição das faixas etárias foi de 6 meses, ou seja, em cada um dos grupos de idade incluíram-se crianças com até 3 meses menos, ou 3 meses mais do que a idade definida.

Além desses 30 sujeitos, 6 crianças de 3 anos foram observadas no jogo livre de bonecas (descrito a seguir). No entanto, para observação dessas crianças foram criadas situações especiais, tais como um prolongado período de *rapport*. Além disso, essas crianças não foram aleatoriamente escolhidas pois, devido à pouca idade, a maioria de crianças de 3 anos recusava-se a acompanhar o observador até a sala de pesquisa. Foi necessário, então, observar apenas as que se apresentaram como voluntárias.

Ib. Local

A pesquisa foi realizada na própria escola, em sala bastante ampla, que é normalmente utilizada como local de reunião de pais e outras atividades extraordinárias. A sala possuía grandes janelas de vidro com cortinas; tinha boa claridade e o mobiliário consistia em um armário e várias cadeiras. Estando a sala próxima ao pátio de recreio, ocorriam, às vezes, perturbações, devido ao excessivo barulho de crianças brincando. No entanto, este fato aparentemente não interferiu nos resultados da pesquisa.

Ic. Instrumentos

A partir dos resultados do primeiro estudo exploratório, os seguintes instrumentos foram elaborados:

1) *Jogo Livre* em quatro cenários (casa, praça, lago e floresta), nos quais as crianças brincavam com bonecos que representavam sua própria família (pai, mãe, irmãos e empregada doméstica). Esses bonecos, importados da Alemanha, eram flexíveis, tendo o menor deles 2 centímetros (bebê), e o maior, 15 centímetros (adultos masculinos). As crianças e os adultos variavam em roupa, tamanho, cor de cabelo e expressão facial. Para compor sua própria família, a criança podia escolher entre 4 bonecas meninas e 4 bonecos meninos, de tamanho e roupas diferentes. Havia também um nenê, uma boneca adulta (mãe), um boneco adulto (pai) e uma outra boneca adulta, vestida de empregada.

Depois que escolhia os bonecos para representar sua família, as crianças eram instruídas a brincar livremente nos cenários, durante 18 minutos. O observador dizia: "Gostaria que você brincasse com estes bonecos, aqui nestes lugares. Veja, tem uma floresta cheia de árvores, um lago com uma praia, uma pracinha e uma casa onde esta família mora. Você pode levar os bonecos para onde eles quiserem ir. Pode brincar do jeito que quiser. Eu quero que você me mostre e me conte o que eles estão fazendo aí nesses lugares. Vá me mostrando e me contando". A cada 3 minutos, o observador interrompia a criança e perguntava por que uma determinada ação estava ocorrendo (ex.: "por que a família foi dormir agora?").

Os cenários representavam uma "casinha" e uma "pracinha de cidade grande", uma "floresta" e um "lago". Cada cenário foi construído sobre uma placa de Duratex medindo 90 cm de comprimento por 60 cm de largura.

A "casinha" consistia na placa de duratex pintada de verde, com as delimitações dos diversos ambientes indicadas por madeirinhas pregadas no chão. Continha 3 quartos (sendo 1 opcional para quarto de dormir ou escritório), sala de visitas, sala de jantar, cozinha e banheiro. Todos os móveis eram colados no chão, com exceção das camas das crianças e do berço do bebê, cuja colocação dependia da estrutura familiar de cada criança. Os quartos continham camas e armários; na sala de visitas, estavam o sofá, duas poltronas, um televisor e mesinhas do lado do sofá. A sala de jantar continha uma mesa, quatro (ou seis) cadeiras e um guarda-louças; no banheiro, havia vaso sanitário, bidê, banheira e pia; na cozinha, ficavam o fogão, a geladeira, a pia e duas cadeiras. No decorrer da pesquisa, algumas crianças montaram, a um canto da sala, o quarto da empregada.

A pracinha tinha o chão imitando gramado: continha seis bancos, duas árvores, alguns arbustos, uma gangorra e um tanque de areia. Em um dos lados da pracinha, foi colocada a rua, com sinais de tráfego.

O lago consistia em uma grande superfície azul rodeada por uma praia; apenas alguns arbustos completavam a paisagem e a impressão geral era de um lugar bastante deserto e plácido.

A floresta consistia de inúmeras árvores, dando a impressão de mata fechada. No meio dessas árvores, havia algumas rochas e uma clareira. No canto da floresta, havia uma gruta aparentemente escura.

As histórias contadas pelas crianças durante o jogo livre eram anotadas pelo observador, em forma codificada. A unidade de observação era uma ação desenvolvida por um ou mais sujeitos, podendo ou não envolver um objeto. O local em que a ação se desenvolvia também era anotado.

2) *Escala de Ordenação*, na qual se pedia à criança para ordenar os membros de sua família, segundo diversas características. Tais características eram propostas através de situações, usando-se os mesmos cenários e bonecos do jogo livre. O observador, após explicar à criança que iria contar umas histórias, manipulava os bonecos e propunha situações, tais como:

"Esta família estava vendo televisão e de repente começou a chover muito. O filho do vizinho, que estava lá também, começou a ficar com muito medo de chuva. Quem é que foi abraçar o menininho para ele não ter mais medo? Por quê?"

Depois que a criança escolhia o boneco que tinha realizado a ação proposta, o observador retirava-o do cenário e perguntava: "se esta pessoa não estivesse aqui, quem faria isso?"; quando a criança escolhia o segundo boneco, este era retirado e repetia-se a pergunta. Assim por diante, até o último boneco. No exemplo, a característica medida era desvelo.

Esse instrumento visava a obter da criança uma ordenação de todos os membros de sua família, em relação às dimensões ou características que se pretendia estudar: potência (no sentido de "decidir, mandar"), desvelo (no sentido de "cuidar das outras pessoas"), valoração positiva (no sentido de "ser querido") e atividade (no sentido de "se mexer, não ficar parado"). Para cada dimensão, foram apresentadas quatro situações, sendo duas no sentido positivo (exemplo: "quem manda mais?" ou "quem se mexe mais?") e duas no sentido negativo (exemplo: "quem manda menos?" "quem se mexe menos?"). Os quatro cenários foram utilizados, sendo que em cada um deles se apresentavam quatro situações (uma de cada dimensão). A ordem de

apresentação dos cenários e a seqüência das situações dentro de cada cenário foram estabelecidas por sorteio.

Além das 16 situações relativas às quatro dimensões citadas, foram apresentadas mais duas, aparentemente neutras, para detectar a existência de tendências de respostas nas crianças.

3) *Teste de Separação em Grupos*, no qual se pedia à criança para dividir sua família (representada pelos mesmos bonecos utilizados no jogo livre) em dois grupos: os que possuíam e os que não possuíam determinada característica. O teste continha oito itens: forte, vagaroso, carinhoso, manda, ruim, todo mundo gosta, se mexe e cuida das outras pessoas. Para cada item a criança separava os membros de sua família, indicando, por exemplo, "os que são ruins" e "os que não são ruins". A pesquisadora anotava a resposta e reunia os bonecos novamente, passando para o item seguinte.

4) *Escala de Auto-Avaliação*, na qual se apresentavam alguns objetivos (vagaroso, desobediente, forte, querido, ruim e carinhoso) e comportamentos (mandar nos outros, ajudar outras crianças quando elas precisam, chora e se mexe), e pedia-se à criança para se auto-avaliar em relação a eles dizendo, em primeiro lugar, se possuía ou não a característica e, no caso de a possuir, em que grau (pouco, mais ou menos, ou muito).

Neste teste, com o intuito de evitar respostas socialmente desejáveis, as questões foram propostas à criança em relação ao boneco do jogo livre que a representava. O observador tomava o boneco em mãos e dizia: "Eu gostaria que você me contasse como é esta criança". Apresentava então dez itens, como por exemplo: "Esta criança aqui se mexe, faz muitas coisas?" ou "Esta criança aqui é querida?" e, caso a criança respondesse "sim", voltava a perguntar: "pouco, mais ou menos, ou muito?"

5) *Teste de Conceito*, no qual se testava a capacidade das crianças para abstrair uma característica de personalidade de uma pessoa a partir de observação de constâncias em seus comportamentos. Foram utilizados bonecos e cenários iguais aos utilizados para o *Jogo Livre*, só que os personagens não representavam membros da família da criança, e sim outras pessoas, crianças e adultos.

Contava-se uma estória para a criança, na qual um dos personagens aparecia em três situações diferentes com um comportamento constante (por exemplo: era o mais ativo); depois de apresentadas essas três situações, havia uma situação final, na qual o personagem se auto-avaliava dizendo por exemplo: "eu não me mexo, eu fico sempre parado". Perguntava-se, então, à criança se aquela afirmação

era verdadeira ou não, e por que. As três primeiras situações eram apresentadas em um mesmo cenário e a autoavaliação era feita em cenário diferente.

O teste era composto de quatro estórias, cada uma delas referente a uma dimensão; potência, desvelo, valoração positiva e atividade física.

Id. Procedimento

A ordem em que os sujeitos foram testados foi estabelecida aleatoriamente. Cada criança foi observada em duas sessões, na primeira das quais aplicava-se o *Jogo Livre* durante dezoito minutos, seguido da *Escala de Auto-Avaliação* e *Teste de Conceito*; esta sessão durava em torno de cinquenta minutos. Na segunda sessão, o sujeito respondia à *Escala de Ordenação* e ao *Jogo de Separar*; a duração, em geral, era de trinta minutos. Com alguns sujeitos (de quatro e cinco anos), foi necessário uma sessão extra, intercalada entre a primeira e a segunda sessão, para evitar cansaço e desatenção. Quatro desses sujeitos fizeram apenas o *Teste de Conceito* nesta sessão extra e dois fizeram a *Escala de Auto-Avaliação* e o *Teste de Conceito*.

Cada sessão foi conduzida por apenas uma observadora; entretanto, seis crianças tiveram uma segunda observadora na primeira sessão (*jogo livre*) para testar a fidedignidade das observações.

Na primeira sessão, permitia-se ao sujeito cinco minutos iniciais de familiarização com os bonecos e cenários, após os quais começava-se a marcar os dezoito minutos do *Jogo Livre*. Na segunda sessão, os sujeitos geralmente já chegavam bastante interessados e motivados, não havendo necessidade de se reservar tempo para estabelecimento de *rapport*.

Aparentemente, um dos problemas mais sérios do procedimento foi o número reduzido de sessões de observação (apenas duas), considerando-se a quantidade de instrumentos. Em geral, ao final da segunda sessão as crianças demonstravam-se cansadas e, às vezes, bastante irritadas.

As crianças de três anos que participaram de uma parte da pesquisa (apenas sessão de *Jogo Livre*) submeteram-se a um procedimento especial, conforme já descrito. Todas elas foram observadas por uma mesma pesquisadora, a qual havia permanecido durante uma semana na sala de aula, estabelecendo *rapport* com as crianças, sem o que não era possível conseguir que a acompanhassem até o local da pesquisa.

II. RESULTADOS

Apresentaremos aqui alguns dos resultados obtidos, com o objetivo de discutir a validade de cons-

tracto dos diversos instrumentos utilizados, ou seja, o que estes instrumentos realmente medem. Considerando que a pesquisa teve caráter puramente exploratório e que a metodologia empregada é passível de inúmeras restrições (como, por exemplo, o tamanho da amostra e o número elevado de instrumentos empregados), não nos propomos a apresentar mais do que uma análise descritiva dos dados que, todavia, parece-nos suficiente para a verificação inicial da validade dos instrumentos de medida.

IIa. *Jogo Livre*¹

Inicialmente, a fidedignidade das observações do jogo livre foi analisada através da comparação dos protocolos das seis crianças que foram observadas por duas pesquisadoras. Embora os dados não tenham permitido análise estatística, pode-se dizer que houve concordância substancial entre os protocolos quanto às ações anotadas.

As ações observadas durante o jogo livre foram classificadas em quatro grandes categorias, referentes a: 1) atividades do cotidiano de uma família dentro de sua casa (por exemplo: comer, dormir, ver televisão); 2) atividades da família fora de casa (por ex.: ir ao lago nadar, ir passear); 3) atividades puramente fantasiosas (por ex.: encontrar um bicho na floresta que amarra as crianças em árvores) e 4) atividades puramente exploratórias (por ex.: manipulação do cenário e das bonecas, sem qualquer significado). De maneira geral, os resultados mostraram que as crianças de todas as idades tinham nítida preferência por representar ações da primeira categoria: "rotina dentro de casa", na qual ficaram concentradas 55% do total das 763 ações anotadas nos protocolos de observação dos 36 sujeitos. A seguir, houve grande concentração de ações na categoria "fora de casa" (33% do total), aparecendo muito poucas ações fantasiosas ou puramente exploratórias (4% e 8% do total, respectivamente). Não houve diferença marcante entre as crianças das várias idades em relação à preferência por um ou outro tipo de ação nas categorias de rotina dentro e fora de casa. As crianças de três anos foram as que mais apresentaram atividades puramente exploratórias (33% das ações observadas nesta idade), seguidas das crianças de quatro anos (10% das ações observadas nesta idade). A partir dos cinco anos, praticamente não apareceram atividades exploratórias. Por outro lado, atividades fantasiosas surgiram com mais frequência entre as crianças de quatro, cinco e seis anos de idade (8%, 5% e 9%, respectivamente, das ações observadas nestas ida-

des), sendo praticamente inexistentes aos sete e nove anos.

As atividades de rotina dentro de casa foram codificadas em várias sub-categorias pré-elaboradas. Os resultados mostraram grande concentração na categoria relativa a atividades de comer e preparar comida (32% das ações de rotina dentro de casa), seguida da categoria relativa às atividades de dormir e acordar (14%), higiene (13%), ver televisão (6%) e passividade: ficar sentado, deitar, descansar (6%). As outras categorias apareceram com frequência menor do que 5%.

A comparação dos resultados de meninos e meninas mostrou que, entre estas últimas, as atividades relativas à preparação de comida apareceu com maior frequência, principalmente entre cinco e seis anos de idade, indicando possivelmente a influência precoce da socialização de papéis sexuais.

Um outro resultado importante foi o relativo à categoria desvelo (no sentido de "cuidar dos outros"). Considerando-se todas as ações em que, de alguma forma, apareceu esse tipo de cuidado (por ex.: um adulto dando banho em uma criança ou a empregada colocando as crianças para dormir), obteve-se apenas 12% do total das ações dentro de casa. As razões para este resultado devem merecer especial atenção, pois sabe-se que grande parte das atividades dos adultos dentro de casa, em famílias onde existem crianças pequenas, são voltadas para a satisfação de suas necessidades. Por que teriam as crianças deixado de relatá-las?

As atividades da família fora de casa foram igualmente classificadas em sub-categorias. Os resultados mostraram que a categoria geral denominada "atividade inespecífica" foi uma das mais frequentes (21% do total de ações fora de casa). Esta categoria refere-se a: "andar, locomover-se, ir e vir de um determinado local, sem especificar por que ou para que" e é, portanto, pouco relevante. Os outros tipos de atividades fora de casa que apareceram com alta frequência foram: brincar (42%) e passear (9%), sendo que trabalhar e ir à escola apareceram com frequência menor do que 5%.

Na categoria de ações fantasiosas não foram realizadas sub-classificações, devido à baixa porcentagem relativa de respostas. Como já foi dito, grande parte de respostas desse tipo ocorreu entre crianças de 4 a 6 anos de idade e foi relativa a fantasias ameaçadoras. Na maioria das respostas, havia algum perigo envolvido (por ex.: a presença de um animal feroz e mau) ou acontecimentos atribulados (tais como crianças perdidas na floresta) ou ainda agressão (tais como matar o pai e a mãe). Infelizmente, devido às limitações da situação de pesquisa, não foi possível investigar as razões desse tipo de fantasia.

¹ Na análise dos resultados de *Jogo Livre* estão incluídos os dados obtidos com as seis crianças de três anos que foram observadas. Portanto, estes resultados referem-se a 36 sujeitos.

TABELA 1 — FREQUÊNCIA DE ATIVIDADES ESPECÍFICAS PARA CADA PERSONAGEM NO JOGO LIVRE DE BONECOS.

Tipo de Atividade	Personagem						
	Pai	Mãe	Empregada	Criança isolada	Grupo de crianças	Grupo familiar	Pai e Mãe juntos
Desvelo (dentro de casa)	17.14	61.42	14.28	4.28	—	1.42	—
Desvelo (fora de casa)	27.27	30.30	21.21	15.15	—	—	6.06
Preparar comida	—	26.00	67.00	4.12	1.03	—	—
Arrumar a casa	—	25.00	71.00	—	—	—	—
Brincar dentro de casa	—	—	—	17.64	70.58	5.88	1.81
Brincar fora de casa	—	—	—	26.31	73.68	—	—
Trabalhar	100.00	—	—	—	—	—	—
Ver TV	8.92	—	5.35	7.14	23.21	25.00	21.42
Passear	—	—	—	—	16.66	83.33	—
Comer	5.97	5.97	7.46	8.95	14.92	41.79	13.43
Dormir-acordar	6.94	9.72	13.88	13.88	12.50	32.63	8.33

Finalmente, foi feita a análise dos resultados em termos dos personagens mais frequentes para cada tipo de atividade. Estes resultados, descritos a seguir (Tabela I), mostraram que desvelo (cuidar dos outros, dentro de casa) é uma função basicamente exercida pela mãe. No entanto, fora de casa, a tarefa de "cuidar dos outros" se distribuiu entre a mãe, o pai e a empregada, a qual aparecia na maior parte das vezes levando as crianças para brincar na pracinha. A preparação de comida, bem como arrumar a casa, é função da empregada. Brincar, dentro e fora de casa, é específico de crianças, em grupo ou isoladas. Trabalhar é função exercida só pelo pai, e ver televisão aparece tanto para o grupo familiar como um todo quanto para o grupo de crianças e grupo de pai e mãe. Passear é atividade preponderante do grupo familiar. Comer, dormir e acordar também o são, embora estas atividades apareçam com alguma frequência nas outras categorias de personagem.

IIb. Escala de Ordenação

A análise dos resultados da escala de ordenação implica em comparar ordenações de diferentes números de pessoas, devido a variações no tamanho de família dos sujeitos. Em consequência, houve dificuldade em se analisar as posições relativas de cada modelo, pois o segundo lugar em uma família de três membros (caso do filho único) tem significado bastante diferente do segundo lugar em uma família de seis membros (quatro filhos). Esta dificuldade é inerente à própria concepção do instrumento, e foi assumida devido à intenção inicial de se obter, neste estudo exploratório, maior riqueza de dados, em detrimento de precisão na análise estatística dos

resultados. Considerando que os constructos que pretendíamos medir (auto-conceito e percepção relativa dos modelos familiares, ou seja, como cada um dos membros e inclusive o próprio sujeito é percebido em relação ao grupo) referem-se a uma realidade bastante complexa, dificilmente codificável em escala numérica, resolvemos optar pela captação dessa realidade, apesar de estarmos cientes das dificuldades que enfrentaríamos na análise dos resultados.

Esta análise apenas foi possível em relação à percepção do pai, da mãe e do próprio sujeito (auto-conceito) que eram os elementos constantes em todas as ordenações. Para isso recodificaram-se as ordenações, atribuindo-se os valores 1, 2 e 3 respectivamente às posições iniciais, intermediárias e finais. Quando um modelo aparecia em primeiro ou segundo lugar recebia o valor 1; em qualquer posição intermediária (inclusive na família de três membros) recebia o valor 2, e em penúltimo ou último lugar recebia o valor 3. Todas as análises estatísticas foram feitas após essa recodificação.

O instrumento foi primeiramente analisado através de correlações não paramétricas entre as ordenações de pai, mãe e sujeito (separadamente) nos 16 itens da escala, referentes às quatro dimensões (avaliação, desvelo, atividade e poder). Essa análise revelou que os itens referentes à avaliação (ser o mais querido ou o menos querido) foram os que melhor se correlacionaram, obtendo correlações altas ($r > 0,40$) e significativas, na direção prevista. Entre os itens positivos relativos a desvelo (cuidar das outras pessoas) também foram encontrados correlações significativas, o mesmo aconte-

cendo entre os itens negativos de desvelo (não cuidar). No entanto, não apareceram as correlações negativas previstas entre os itens positivos e negativos desta dimensão. Entre os itens referentes à dimensão atividade (positiva e negativa) não houve praticamente qualquer correlação, o mesmo acontecendo com a dimensão poder.

Estes dados parecem indicar que valoração, conforme proposta nos itens da escala, é uma característica unidimensional; desvelo (cuidar ou não cuidar) é bidimensional, enquanto que atividade e poder são características multidimensionais, ou seja, assumem significados diferentes dependendo da situação em que são exercidos (por ex.: ter poder para decidir quando a família deve interromper um passeio é fundamentalmente diferente de ter poder para decidir sobre o canal de televisão que todos devem assistir).

Outra análise realizada com os resultados da escala de ordenação consistiu no cálculo das médias dos escores de pai, mãe e sujeito nos 16 itens e na comparação destas médias entre os vários grupos de idade. Para alguns itens de escala o resultado foi bastante interessante, mostrando que:

1) em relação à dimensão poder, nos itens relativos a poder geral ("quem manda mais nesta família"), as crianças de quatro e cinco anos praticamente não diferenciaram entre seu próprio poder e o poder do pai e da mãe. No entanto, a partir dos seis anos pai e mãe foram percebidos como detentores do poder, a criança se colocando como a pessoa que mandava menos; essa percepção parece acentuar-se com o aumento da idade.

2) em relação à valoração positiva (quem é mais querido), não houve diferenciações constantes entre a criança, o pai e a mãe, ocorrendo uma oscilação dos resultados nos vários grupos etários. Assim, por exemplo, o grupo de crianças de seis anos se auto-valorizou em relação ao pai, ao passo que o grupo de crianças de sete anos colocou o pai e a mãe como os mais valorizados. Na dimensão valoração negativa (quem é menos querido), no entanto, apareceu uma tendência clara das crianças, a partir de seis anos, a se perceberem como menos queridas do que os pais. Todas as crianças de nove anos de idade colocaram o pai em último lugar no item "menos querido da família".

3) na dimensão atividade, apareceu uma tendência clara dos sujeitos de todas as idades a se perceberem como mais ativos do que o pai e a mãe nos itens relativos a atividade geral ("quem se mexe mais na família") e a atividade na pracinha. No entanto, dentro de casa as crianças a partir de cinco anos se perceberam como menos ativas do que ambos os pais.

4) na dimensão desvelo, não houve diferenciação clara entre sujeito, pai e mãe, a não ser em um item negativo ("quem não cuida") em que os sujeitos a partir dos cinco anos se colocaram sistematicamente como cuidando menos que o pai e a mãe.

Finalmente, um resultado bastante interessante da escala de ordenação foi o da alta frequência com que apareceram o pai e a mãe em posições sucessivas. Isto ocorreu em 85% do total de 458 ordenações feitas, indicando uma tendência das crianças de todas as idades a perceberem o pai e a mãe como semelhantes nas dimensões testadas. Dentro do grupo pai e mãe, houve diferenciação sistemática apenas no item sobre poder geral ("quem manda mais"), no qual o pai foi em geral colocado antes da mãe, e nos itens de atividade ("quem se mexe em casa e na pracinha") e desvelo ("quem cuida mais"), em que a mãe apareceu geralmente antes que o pai.

IIC. *Teste de Separação em Grupos*

Os dados do Teste de Separação foram analisados calculando-se as frequências com que cada membro da família foi classificado no grupo que possuía uma determinada característica (por ex.: ser forte, mexer-se, cuidar dos outros, etc.). Nesta análise, o pai apareceu mais frequentemente do que a mãe na categoria dos que "mandam" e esta, por sua vez apareceu mais frequentemente do que o próprio sujeito. O pai também foi mais frequentemente classificado como "forte" e, juntamente com a mãe, como "quem cuida dos outros".

Considerando-se o sexo das crianças, os resultados do teste de separação mostraram que 100% das meninas e apenas 69% dos meninos se consideraram "queridos". Por outro lado, nenhuma menina se classificou como "ruim", enquanto 38% dos meninos o fizeram. Na percepção do pai e da mãe foram encontradas diferenças entre meninos e meninas, sendo que o pai foi classificado como "forte" por 100% dos meninos e a mãe por apenas 46% deles. Para 100% dos meninos, o pai foi considerado "querido" enquanto que a mãe apareceu nesta categoria em 77% das vezes; nas categorias "se mexe" e "manda", para os meninos, o pai também foi classificado mais frequentemente do que a mãe. Para as meninas, todavia, o quadro foi diferente: o pai foi classificado como "forte" e "querido" em apenas 60% das vezes, enquanto que a mãe foi percebida como "querida" e "carinhosa" por 92% das meninas. Nas outras dimensões as meninas não fizeram diferença entre pai e mãe. Assim, ao que parece, os meninos tenderam a valorizar mais o pai do que a mãe, o oposto ocorrendo com meninas.

Os resultados do jogo de separar foram ainda analisados considerando-se o tamanho das famílias das crianças, divididas em famílias de dois filhos (8 sujeitos), três filhos (10 sujeitos) e quatro ou mais filhos (6 sujeitos). Os resultados de sujeitos que eram filhos únicos não foram considerados nestas análises. Os dados mostraram que 100% das crianças de família de três ou mais filhos classificaram-se entre os que "cuidam dos outros" em relação a apenas 12% de sujeitos de famílias de dois filhos. Igualmente, houve nítida tendência das crianças de famílias maiores a perceberem-se como "queridas": 90% dos sujeitos de famílias de três filhos e 100% dos sujeitos de famílias de quatro ou mais filhos assim se classificaram, em oposição a apenas 50% das crianças de famílias de dois filhos. Por outro lado, nenhuma criança de família de quatro ou mais filhos classificou-se como "ruim", enquanto 50% das crianças de famílias de dois filhos o fizeram. Os sujeitos de famílias maiores também apareceram com alta frequência no item "carinhoso".

Finalmente a análise das percepções de irmãos e irmãs, no Teste de Separação, mostrou que os sujeitos de ambos os sexos classificam os irmãos como "fortes" e "queridos" muito mais frequentemente do que as irmãs. De uma maneira geral os irmãos foram mais positivamente valorizados do que as irmãs em todos os itens do teste.

IId. *Escala de Auto-Avaliação*

Os resultados da escala de auto-avaliação mostraram que a grande maioria de sujeitos tende a afirmar que possui características socialmente desejáveis tais como: "ser querido", "mexer-se", "ser carinhoso" e "ajudar as outras crianças", e não possui características negativas tais como "ser ruim", "desobediente", "vagaroso" ou "chorar". Este fato indica que as respostas à escala foram muito influenciadas pela desejabilidade social e invalida a análise de seus resultados. Ao que parece, esta medida de auto-conceito, mesmo sendo indireta (através da projeção em um boneco), foi muito sensível a variáveis estranhas tais como o desejo de agradar o observador e se apresentar como "bonzinho".

IIE. *Teste de Conceitos*

Os resultados do teste de conceitos mostraram que a grande maioria de crianças a partir dos cinco anos foi capaz de abstrair corretamente as características de um personagem a partir da observação de seus comportamentos. A porcentagem de acertos entre crianças de cinco a nove anos foi de 93%. Aos quatro anos, no entanto houve apenas 54% de acertos, sendo que a maioria de erros (75%) ocorreu nos dois últimos itens da escala (relativos à

avaliação e desvelo), não ficando claro se isto se deve à maior dificuldade dos itens ou à incapacidade das crianças em conceituar essas duas dimensões.

III. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

É necessário relembrar que os resultados aqui apresentados foram obtidos em um estudo exploratório e não são, portanto, mais do que indicações de possíveis tendências da percepção social em crianças. Considerando-se o número limitado de sujeitos não é válido tirar conclusões a não ser em termos da viabilidade dos instrumentos para medir o auto-conceito e percepção de modelos nas faixas estudadas.

Os resultados do Jogo Livre de Bonecos mostram que este instrumento não é adequado para testar percepção de modelos, em termos de dimensões tais como: poder, atividade, valoração ou desvelo. Ao contrário, observou-se no jogo livre uma forte tendência das crianças a reproduzir situações cotidianas bastante gerais e estereotipadas, das quais é impossível inferir interrelações do grupo familiar ou características pessoais de cada membro. Os jogos da grande maioria de crianças foram puramente descritivos, com dados pouco significativos para uma análise de como a criança realmente se auto-percebe e percebe seus modelos. Todavia, o instrumento parece bastante adequado para se investigar distribuição de papéis sociais na família, ou seja, as atividades típicas de cada membro: os resultados demonstraram uma clara percepção das crianças quanto às funções típicas de cada pessoa, inclusive da empregada doméstica. Parece, portanto, que este instrumento pode ser validamente utilizado em pesquisas que visem a estudar a família nuclear em termos de distribuição de papéis e principais atividades do grupo, dentro e fora de casa. Tais pesquisas seriam particularmente interessantes se envolvessem a comparação de diferentes grupos sócio-econômicos ou culturais.

A Escala de Ordenação, por sua vez, apesar de apresentar dificuldades para análise estatística dos resultados, parece ser um instrumento válido para medir auto-conceito em relação ao grupo e percepção de modelos. Os resultados obtidos nesta pesquisa indicam que o instrumento pode discriminar como as crianças nas várias idades percebem o poder, a atividade e o desvelo dos vários membros de sua família, e como os valorizam. Infelizmente, o número limitado de sujeitos na amostra torna os resultados obtidos inconclusivos, não se podendo aceitá-los como representativos de uma população. No entanto, permitem algumas conclusões a respeito do instrumento, tais como a de que pelo menos duas das características estudadas (poder e atividade) são multidimensionais, isto é, adquirem significados diferentes em função da situação proposta.

Nesta escala, o resultado mais consistente foi o do aparecimento de pai e mãe em posições sucessivas, o que parece indicar uma tendência a discriminar muito pouco entre estes dois modelos. Tal resultado sem dúvida merece uma investigação mais profunda pois tem inúmeras implicações para as teorias psicológicas sobre identificação, que pressupõem escolha de modelo baseada em características diferenciais do pai e da mãe.

O teste de Separação em Grupos também parece ser um instrumento válido para se medir a percepção de modelos e o auto-conceito, embora forneça apenas a classificação em categorias gerais, não permitindo discriminação sutil entre a percepção dos vários modelos. A análise dos resultados deste teste, apesar da limitação da amostra, parece indicar diferenças significativas em função do sexo e tamanho da família das crianças. Pode-se concluir que com uma amostra maior e o controle adequado desta última variável este teste deverá fornecer resultados bastante interessantes.

A Escala de Auto-Avaliação, como já dissemos, é um instrumento de pouca validade para medir o auto-conceito, por ser muito influenciada pela desejabilidade social. Sua utilização em pesquisas ou mesmo na prática educacional ou clínica é, portanto, pouco recomendável.

Finalmente, o Teste de Conceito parece ser um instrumento válido para verificar a capacidade de abstração de características pessoais a partir de

observação de comportamentos. Os resultados obtidos indicam que, depois dos cinco anos de idade, a maioria de crianças é capaz de perceber quem tem poder, quem é mais ativo, quem exerce funções de desvelo e quem é mais querido, a partir da observação da interação de um grupo de pessoas em situações específicas.

A guisa de conclusão pode-se dizer que, apesar das limitações metodológicas, o estudo foi bastante satisfatório na medida em que forneceu inúmeras indicações para futuras pesquisas. Como em todo estudo exploratório, os resultados não são respostas definitivas mas levantam questões e apontam os caminhos onde a pesquisa poderá ser frutífera. Além disso, a pesquisa permitiu um estudo aprofundado da validade de constructo de diversos instrumentos, alguns dos quais mostraram-se pouco válidos para o estudo da percepção de modelos em termos de características pessoais. Outros no entanto, como a Escala de Ordenação e o Teste de Separação em Grupos, parecem ser adequados para essa investigação, embora ainda necessitem maior elaboração e novos testes para verificar sua validade e fidedignidade.

Esperamos que o relato deste estudo incentive novos pesquisadores a abordar o problema pouco explorado da percepção social em crianças, que é de extrema importância para a formulação de teorias sobre imitação e identificação, processos cruciais na aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDURA, A. 1969. Social learning theory of identificatory processes. In David A. Gaslin (Ed.) *Handbook of socialization theory and research*. Chicago, Rand Mc Nally.
- BRONFENBRENNER, V. 1960. Freudian theories of identification and their derivatives. *Child Development*, 31, 22-40.
- GERWITZ, J. J. e STINGLE, K. G. 1968. Learning of generalized imitation as the basis for identification. *Psychological Review*, 75, 374-397.
- MACCOBY, E. E. 1959. Role Taking in childhood and its consequence for social learning. *Child Development*, 30, 239-252.
- MILLER, N. E. e DOLLARD, J. 1941. *Social learning and imitation*. New Haven, Yale University Press.
- MOWRER, O. H. 1960. *Learning theory and the symbolic processes*. New York, Ronald Press.
- SEARS, R. R.; RAW, L. e ALPERT, R. *Identification and child rearing*. Stanford, Stanford University Press.

[Recebido para publicação em julho de 1976]